

E agora, José?

# PUC DEBATE REFORMA DOS JORNALÕES E O FUTURO DA IMPRENSA

Por Eloisa Nogueira  
e Larissa Marolla

*Grandes jornais paulistas tentam “driblar” a crise com mudanças no lay out e colocam novas questões para a prática do jornalismo*

Na noite de quarta-feira, 22 de setembro, o jornal **Contraponto** em parceria com departamento de jornalismo realizou no Estúdio de TV da FAFICLA um debate sobre as reformas gráficas nos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*. Os jornalistas Fábio Marra, editor de arte da *Folha*, e Fábio Sales, diretor de arte do *Estado* e do *Jornal da Tarde*, fizeram parte da mesa de debate em conjunto com os professores da PUC, Valdir Mengardo e Hamilton Octavio de Souza, responsáveis pela mediação.

Fábio Marra iniciou o debate contando um pouco sobre o percurso gráfico no jornalismo brasileiro. Relatou a superioridade americana que já nos anos 60 tinha projetos gráficos, enquanto no Brasil, até os anos 80, a formatação gráfica dos jornais era “artesanal”, sendo a *Folha de S. Paulo* pioneira em projetos somente em 1992. Segundo Marra, “design não faz jornalismo”, e sim boas notícias e um bom texto. Afirmou que o projeto gráfico ajuda a criar uma identidade própria, organiza o produto e facilita a produção diária. Com base em estudos que a *Folha* fez antes da reforma, o brasileiro leva 17 minutos para ler o jornal, e a idade média dos leitores é de 47 anos. Aspectos fundamentais para a síntese da *Folha*, “enxugando o texto, tirando a redundância, e deixando a informação”. As fotos em tamanho maior e os destaques coloridos também são artifícios importantes para seduzir o leitor contemporâneo, visto que este tem cada vez menos tempo de olhar vagorosamente o jornal. “As fotos ajudam o leitor a entender a notícia”, justificou o jornalista.

Fábio Sales deu continuidade ao debate com seu depoimento. Formado em desenho industrial, diz ter ingressado no jornalismo por acaso, mas hoje é apaixonado pela função que desempenha no *Estado de S. Paulo*. O diretor de arte relatou que o *Estadão* vem sofrendo uma evolução gráfica desde 2004, pois era muito envelhecido, atrasado em relação a seus concorrentes “era uma redação acostumada a apurar, apurar e jogar mil caracteres de informação a leitores que cada vez mais tem menos tempo pra ler. Ou seja, era um produto envelhecido por seu ambiente, seu contexto. Era um produto que a longo prazo ia morrer”. Sales alega que em 2004 o jornal resolveu mudar isso, mas foi apenas uma “reforma continuísta”. Em 2010, o projeto gráfico procurou “códigos visuais que vestissem melhor seus nichos” também não houve grande ruptura, segundo ele, “o grupo não permite” uma mudança radical, já que com base em estudos, o *Estadão* percebeu que seus leitores são conservadores e “não gostam de mudanças” e Fábio admite: “fizemos reforma porque eles fizeram”.

Questões foram levantadas entre os mediadores. Para o professor Valdir o jornal atualmente “é mais fato e menos conteúdo crítico, apesar

de se ter a parte de análise do jornal”. Ele relacionou sua teoria com o desejo de concorrência do meio propriamente dito com a internet. O tipo de leitura mudou para se adequar aos novos tempos, deixando a identidade do jornal e sua legibilidade a mercê da modernidade. “A legibilidade do jornal obedece a parâmetros de uma sociedade mais conservadora. Hoje em dia temos projetos gráficos cada vez mais parecidos. A análise de vocês (*Estadão* e *Folha*) caminha para uma conclusão de que não pode haver perda do leitor. Agora o que eu questiono, é a pouca ousadia. Por exemplo, na década de 60, o JT tinha um visual muito ousado. E era um paradoxo, porque o conteúdo do JT estava mais a direita do que o próprio estadão. Os argumentos eram muito de direita, davam raiva. Mas eu comprava o JT pelo visual que ele tinha. Eram experiências que pra época eram bastante revolucionárias. E hoje na imprensa há pouca vontade de renovar”.

Em resposta, o editor de arte da *Folha* disse que “não é reforma gráfica, não é letrinha, não é o azul que fazem o jornal. Se o jornal não tem conteúdo, não é jornal”. Marra completou seu pensamento apontando como um dos fatores do corte dos textos o custo do jornal “a redução de conteúdo mexe com os leitores, mas os jornais tendem a reduzir espaço. Pelo fato do papel ser pago em dólar, o custo de produção é alto, sendo assim, a produção do jornal brasileiro é cara. Por isso, a *Folha* esta optando diminuir os textos, e explorar o conteúdo na internet, visto que 94% dos assinantes acessam diariamente o jornal online”. Sales completou concordando com as afirmações do professor Valdir, pois para ele, realmente falta ousadia, já que, “a reforma é grande, mas o jornal ainda é o mesmo”. Também fez críticas aos leitores sem senso político e aos estudantes de jornalismo que vão trabalhar no *Estadão*.

O professor Hamilton confessou ser leitor de ambos os jornais há muitos anos e de não entender a parte gráfica. Porém levantou fortes perguntas sobre o tema em debate “o que eu reclamaria sendo leitor dos dois jornais é a redução do conteúdo, é uma perda de algo significativo. Uma das formas que Perseu Abramo, que também trabalhou no *Estadão* e na *Folha*, analisa como forma de manipulação que tem um sentido político, de distorção é justamente trocar a forma pelo conteúdo. Você faz uma forma que distraia a atenção do leitor daquilo que o centro da matéria daquilo que é o principal. Às vezes a parte gráfica ameniza um assunto, ela torna um assunto visualmente atraente, um assunto que não é pra ser atraente que ao contraio é pra chocar pra bater de frente. A manipulação que a parte gráfica, visual pode fazer é de não reforçar e sim de distrair o conteúdo da matéria”. Para ele, seria mais interessante se os jornais tentassem se diferenciar, buscar padrões gráficos diferentes, linhas de editoriais diferentes, para disputarem o público pela diferenciação e não pela aproximação.

As reformas acontecem de tempos em tempos, refletindo a qualidade profissional e financeira dos veículos. A baixa qualificação dos jornalistas é grande, assim como, a crise que as empresas enfrentam para manter seus exemplares nas bancas. Tudo isso se soma a uma esfera pública cada dia mais acrílica, que contribui para a desvalorização dos jornais limitando-os a divulgadores de notícias. Os espaços para discussões e análises diminuem com um novo projeto gráfico anual, e são poucos que contestam as bruscas mudanças. O jornal impresso entrará em falência? A preferência pelo jornalismo online tem aumentado, e junto a ela, a procura de alternativas para os profissionais qualificados.

eloisacn@hotmail.com

larissa\_marolla@hotmail.com



(Da esq.-dir): prof. Valdir, Fábio Sales, prof. Hamilton e Fábio Marra